

O discurso feminino em Dom Casmurro e em São Bernardo: uma análise comparativa com o discurso do sujeito-narrador

Cícera Maria da Silva – UPE

Juzi Maria de Barros Ferreira e Souza – UPE

Resumo:

Na AD, o discurso não é fechado em si mesmo e nem é do domínio exclusivo do locutor; é produzido num campo significativo, simbólico, determinado social e historicamente e é nesse campo que o sujeito se posiciona e atua (ou concorda com a ideologia ou se contrapõe a ela). São observáveis as diferenças essenciais entre a recepção ativa da enunciação de outrem e sua transmissão no interior do contexto ideológico-discursivo, uma vez que essa transmissão leva em conta uma 3ª pessoa, que sofre as influências das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso. Situando o discurso de outrem no discurso literário, o contexto narrativo começa a ser percebido de modo expreso pelo aparecimento de um narrador que substitui o autor propriamente dito. Partindo dessa perspectiva, analisaram-se as semelhanças enunciativas do discurso masculino e feminino em Dom Casmurro e em São Bernardo, observando-se a (não) existência do discurso de outrem (o feminino) face ao

discurso dominante (o masculino) diante das formações discursivas e ideológicas presentes no contexto mediato. Essa pesquisa, de relevâncias social, pedagógica e acadêmica, foi realizada através de pesquisa-ação e de especulação bibliográfica, sendo levada a efeito no 4º bimestre de 2004, com alunas do Curso Normal Médio do Colégio Normal Municipal Dr. Antenor Alves Pedrosa, Correntes-PE. Comprovou-se que as alunas conseguiram fazer uma leitura crítica das obras, compreendendo como o discurso feminino revela o discurso da mulher da sociedade da época, marcado pelo silenciamento.

Palavras-chave: discurso, análise, contexto, ideologia, feminino.

1 O Discurso de Outrem em São Bernardo e Dom

Casmurro: Um Olhar Para o Feminino

Segundo Bakhtin (2002) a apresentação do discurso de outrem expõe o problema da apreensão ativa do discurso, vinculado ao problema do diálogo numa dinâmica de inter-relação do contexto narrativo. Tudo o que dizemos é motivado e influenciado pelo que os outros disseram, seja numa relação direta (por meio da fala), seja por meio de outros recursos linguísticos (livros, cinema, jornais, música, etc.). Com isso, pode-se dizer que não há discurso puro, pois estamos – mesmo

sem ter consciência – sempre dialogando com outros discursos, concordando ou discordando deles.

Há diferenças essenciais entre a recepção ativa da enunciação de outrem e sua transmissão no interior do contexto. Além disso, essa transmissão leva em conta uma 3ª pessoa; a essa 3ª pessoa é reforçada a influência das forças sociais, organizadas sobre o modo de apreensão do discurso.

A palavra remete à palavra. É no quadro do discurso interior que se efetua sua transmissão e sua apreciação – orientação ativa do falante. Toda atividade mental ou “fundo perceptivo” é mediatizado pelo discurso interior e é dessa forma que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior.

Nesse contexto, dois aspectos interessantes devem ser considerados: a enunciação de outrem é recolocada no contexto de comentário efetivo que, por sua vez, prepara a réplica. Essas duas operações – comentário efetivo e réplica interior - são naturalmente fundidos na unidade da apreensão ativa e não são isoláveis se não de maneira abstrata e exprimem-se no contexto narrativo que engloba o discurso citado.

O discurso de outrem se encontra na essência do discurso citado através da absolvição por meio da consciência, sofrendo influências das tendências sociais estáveis que se manifestam nas formas da língua. É importante salientar que há diferenças essenciais entre a recepção ativa da enunciação de outrem e sua transmissão no interior de um contexto. Toda transmissão, particularmente sob a forma escrita, tem seu fim específico: narrativa, processos legais, polêmica científica, etc. Além disso, a transmissão leva em conta uma segunda pessoa – a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas.

Mas o discurso de outrem vai além do discurso citado, pois o inclui sem alterar a trama linguística do contexto integrante. Sendo o discurso citado visto como a enunciação de outra pessoa, completamente independente na origem, dotado de uma construção completa e situado no exterior do contexto narrativo, permite que o discurso de outrem passe para o contexto narrativo conservando as noções lógicas da integridade linguística e da autonomia estrutural primitiva que possui.

Situando o discurso de outrem no discurso literário, o contexto narrativo começa a ser percebido de modo expreso pelo

aparecimento de um narrador que substitui o autor propriamente dito. Partindo dessa perspectiva, analisam-se os romances São Bernardo, de Graciliano Ramos, e Dom Casmurro, de Machado de Assis, percebendo-se nessas obras semelhanças enunciativas. Ambas operam cenas de ciúmes e deixam o leitor em estado de inferências com relação ao comportamento feminino, no contexto de uma sociedade conservadora, machista e preconceituosa. Nessas obras o discurso que impera é o do sujeito-narrador, personagem masculino, que representa um “Eu” que se dirige a um “Tu” (leitor), tecendo análises de um objeto de estudo relativo a uma 3ª pessoa (a mulher).

Segundo Benveniste (apud Suassuna, 2002, p. 81-82) só são pessoas do discurso o “Eu” e o “Tu”, enquanto o “Ele” é a não-pessoa. “Eu” é aquele que enuncia a ocorrência discursiva e o “Tu” é a pessoa a quem a ocorrência discursiva é dirigida. Em contrapartida, alguns enunciados remetem a um referente externo, à chamada “não-pessoa” (terceira pessoa: “Ele”). Portanto, no ato de enunciação, há uma correlação de personalidade entre as pessoas “Eu” e “Tu” em oposição à não-pessoa “Ele”, e uma

correlação de subjetividade entre “Eu” (pessoa subjetiva) e “Tu” (pessoa não-subjetiva).

No contexto dos romances aqui citados, o discurso do “Eu” (narrador-personagem) que se dirige a um “Tu” (sujeito-leitor) enuncia e denuncia uma “não-pessoa” (personagem feminino). O posicionamento das formações discursivas do “Eu” que enuncia “Ela” aponta para formações ideológicas presentes no contexto mediato das respectivas obras, revelando a soberania do sujeito masculino numa sociedade patriarcal que não permitia (e nem admitia) o posicionamento da mulher em situação de igualdade com o do homem.

Nos romances o “Eu” está representado pelo discurso masculino, soberano e imponente – em “Dom Casmurro”, “Bentinho” e, em “São Bernardo”, “Paulo Honório” –, que fala a uma 2ª pessoa (leitor) sobre uma 3ª pessoa (as personagens femininas “Capitu” e “Madalena”, respectivamente). Observa-se que nas obras em discussão a mulher não tem direito à defesa das acusações que lhes são feitas pelo narrador-masculino: o gesto de interpretação, nesse espaço simbólico, é marcado pela

incompletude, pelo silenciamento do feminino; funciona como o lugar próprio da ideologia é marcado pela história.

2. A Abertura do Sentido na AD: Interpretação e Ideologia

É mais que óbvia a observação de que compreender um enunciado não se restringe pura e tão somente ao fato de se referir a uma gramática e a um dicionário (Maingueneau, 2002). Na verdade, compreender um enunciado envolve a mobilização de saberes muito diversos, levantamento de hipóteses e raciocínio, e é isso que possibilita construir um contexto que não é um dado preestabelecido e estável. Em suma, o sentido de um enunciado, ou seja, sua interpretação, fora de um contexto (lugar e momentos específicos onde um sujeito se dirige numa determinada perspectiva a um ou mais sujeitos) torna-se insustentável porque

“(...) todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciado (p.20) (grifo do autor)”.

Analisa Orlandi (1996) que o dizer é aberto, pois não há linguagem em si e ela é estrutura e acontecimento, tendo assim de existir na relação necessária com a história, somando-se ao simbólico, já que a questão do sentido é uma questão aberta. O texto (exemplar do discurso), nessa perspectiva, é multidimensional enquanto espaço simbólico; é um “bólide de sentidos” (p.14). Considerado na sua materialidade, o texto funciona como “um” dentre os textos possíveis no mesmo texto. Assim, analisa a autora que “qualquer modificação na materialidade do texto corresponde a diferentes gestos de interpretação, compromisso com diferentes posições do sujeito, com diferentes formações discursivas, distintos recortes de memória, distintas relações com a exterioridade. Este é um aspecto crucial: a ligação da materialidade do texto e sua exterioridade (memória)” (idem, p.14).

É necessário também ressaltar que, apesar de um texto poder tomar diferentes posições significativas, ele não pode se desenvolver em qualquer direção: ele possui uma “ordem significante” que o rege e vem da relação com a exterioridade.

O gesto de interpretação é um ato no espaço simbólico marcado pela incompletude e pela relação com o silêncio, funcionando como o lugar próprio da ideologia, e tal gesto é materializado pela história. Assim, o lugar do sentido é função da interpretação, espaço da ideologia (ibidem, p. 18-21).

2.1 Dom Casmurro e São Bernardo: um olhar na ideologia do sujeito – narrador na AD

Dubois et al (2001,p. 50) conceituam a análise do discurso como “a parte da linguística que determina as regras que comandam a produção de sequências de frases estruturadas”.

Para Mesquita Filho (2004, p. 5) a análise do discurso “procura ver em seu objetivo – o discurso – a relação com a exterioridade que o constitui”. Nesse enfoque, o discurso é feito como “efeitos de sentidos entre locutores, sendo considerado como ação social”. O discurso é constituído pelo contexto histórico-social, a situação e os interlocutores e, por isso mesmo, não é fechado em si mesmo e nem é do domínio exclusivo do locutor.

Os discursos são produzidos num campo significativo, simbólico, determinado social e historicamente, e é nesse campo que o sujeito se posiciona e atua: ou concorda com a ideologia ou se contrapõe a ela.

A formação discursiva é o fio condutor da formação ideológica. A formação discursiva inscreve-se no terreno que “intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito onde as condições sócio-históricas de sua produção são constitutivas de suas significações” (Mussalim, 2003, p. 106).

Análise mais clara a esse respeito é a de Amaral (2002, p.150) que afirma a revelação do discurso como “particularidade que cumpre sua função no processo de concretização das formações ideológicas”. Afirma ainda que as formações ideológicas instituem o discurso como seu representante no processo de (re)produção da vida em sociedade.

Assim, Mendonça (2003, p. 241) atenta que se faz necessário buscar o heterogêneo presente no discurso e na materialização de outros discursos no discurso em questão (com seus valores, concepção, etc.). Deve-se também atentar para a

constituição do discurso em questão afetado pelos outros discursos.

Dentre os mecanismos disciplinares considerados por Foucault (apud Mendonça, 2003, p.242) que atuam na tentativa de anular a polifonia característica do sujeito e de sua linguagem, destaquem-se os externos ao discurso, que são os de exclusão. Há três questões a se considerar: a) há assuntos proibidos, logo a sujeitos proibidos de dizer algo; b) há discursos condenados a não terem sua existência reconhecida; e c) a oposição entre o verdadeiro e o falso é produzida historicamente com a valorização e distribuição do discurso que considera verdadeiro.

Analisa Botelho (2003, p. 3-4) que uma leitura crítica de qualquer texto que apresente uma índole ficcional e uma finalidade estética não pode, por um lado, se prender exclusivamente aos elementos linguísticos, devendo, portanto, considerar também a carga ideológica e a relevância do contexto de produção, para que a produção de sentido possa ocorrer de maneira adequada.

Um texto literário como romance, por exemplo, embora seja concebido como uma narrativa longa, complexa e elaborada,

não assume uma significação total no texto, mas só se completa no mundo de experiências do leitor, portanto, através da leitura.

Assim, lendo-se Dom Casmurro, de Machado de Assis (realismo) e São Bernardo, de Graciliano Ramos (modernismo – romance de 30), mesmo constatando que seus atores diferem-se dos outros por demonstrarem um estilo peculiar e características inovadoras em suas obras; que são obras distintas, afastadas por um grande hiato; e que ambas apresentam situações narrativas totalmente distintas, com contextos diferenciados e personagens particularizados, pode-se perceber que o discurso do sujeito-narrador dos dois romances (apesar de estarem em condições sócio-históricas e político-econômicas diferentes, e de apresentarem personalidades distintas) coincide com maneira de lidar com o discurso feminino. Ambos acusam a mulher de adultério e acabam rejeitando o filho, pelo qual demonstram desprezo. A todo instante, o sujeito-narrador, representado pela mais absoluta figura masculina, ora numa obra, ora na outra, emite a todo instante insinuações e opiniões sobre a mulher, sobre a companheira. O desenlace do conflito amoroso se origina pela

desconfiança do adultério, pelo ciúme que, por sua vez, desencadeia a destruição da mulher nas referidas obras.

Interessante é analisar o fato de que nos referidos romances só um discurso prevalece: o masculino, que é o do sujeito-narrador. Como ele detém o poder da palavra, usa-a como bem quer para expressar o que pensa e deseja. Sua supremacia, sua soberania e seu machismo refletem o homem de uma sociedade em que ele é sempre o senhor absoluto da situação e a razão sempre lhe é garantida, quase sem indagação a respeito da veracidade dos fatos e constatação de sua hipótese.

Já o discurso feminino, assim como a posição da mulher no contexto social, político e cultural das respectivas épocas, aparece desvalorizado, suprimido e sem força nos romances. As personagens femininas não se expressam com o sujeito-narrador em pé de igualdade; sequer lhes é dada a oportunidade de se defender das suspeitas de adultério com o uso maior do poder da palavra. Isso revela a concepção machista de uma sociedade patriarcal e conservadora, onde a mulher não tinha vez nem voz.

Ambas as obras literárias apresentam um discurso feminino enfraquecido pelos mecanismos disciplinares externos

ao discurso, onde “o discurso que se considera verdadeiro” (masculino) “proíbe e condena outros discursos” (e por que não outros sujeitos ?) a não terem reconhecimento e aceitação.

Nesse enfoque, a análise do discurso feminino nas referidas obras deve ser viabilizada de uma forma crítica, avaliando e analisando possibilidades, multissignificâncias, alcances e limites, fazendo uma comparação histórico-social e linguístico-semântica do contexto mediato e do imediato, relacionando ficção e realidade.

3 A Pesquisa em Sala

A pesquisa ocorreu no Colégio Normal Municipal Dr. Antenor Alves Pedrosa, no município de Correntes, Pernambuco, em duas turmas do Normal Médio: no segundo ano (turma vespertino) e no terceiro ano (turno noturno). O foco de análise se centrou em seis alunas, sendo três do segundo ano e três do terceiro. A turma do segundo normal fez a leitura de São Bernardo e a do terceiro de Dom Casmurro. A orientação dada foi a de que se produzisse uma resenha crítica sobre a obra lida,

analisando a posição do discurso feminino em relação à do discurso masculino, fazendo uma análise comparativa entre ambos e relacionando a posição da mulher no contexto mediato (o contexto da época) e no contexto imediato (o contexto da atualidade) frente às ideologias presentes. O trabalho foi realizado no período de dois meses e finalizou com a apresentação e discussão das resenhas produzidas numa mesa-redonda.

4. Madalena: Uma Mulher Incompreendida

São Bernardo (1934), uma das obras-primas de Graciliano Ramos, narra a ascensão de Paulo Honório, sujeito-narrador da obra, rico proprietário da fazenda São Bernardo. Paulo Honório surge quase inteiro no primeiro capítulo do romance: sua força cobre tudo e sua figura impressiona. Revela-se um homem empreendedor, dinâmico, dominador, obstinado, que concebe uma empresa, trata de executá-la, utiliza os outros para isso e não se desanima com os fracassos. Agindo sem parar, emitindo

opiniões sobre os outros, concebendo e buscando realizar um plano, esse narrador avulta e toma forma. À imagem de seu estilo, é direto e sem rodeios, concentrado sobre si mesmo e sobre seu trabalho.

Paulo Honório, sem se preocupar com amores, querendo apenas ter um herdeiro para as terras de São Bernardo, casa-se com Madalena, uma professora de ideias progressistas.

O sentimento de propriedade, que unifica todo o romance, distorce o homem de maneira radical: as lutas pela propriedade e pelo poder transformaram Paulo Honório num ser egoísta e brutal, que não consegue compreender a mulher, pois é incapaz de senti-la em sua integridade humana e em sua liberdade, considerando-a como mais uma coisa a ser possuída. O ciúme e a incompreensão de Paulo Honório levam Madalena ao suicídio.

É inegavelmente um romance admirável não só pela caracterização da personagem, mas também pelo tratamento dado à problemática da coisificação dos indivíduos (MAIA, 2003, p. 380). Vale ressaltar que, nessa obra, o ciúme é apenas uma modalidade.

Na turma do 2º Normal Médio do Colégio Normal Municipal Dr. Antenor Alves Pedrosa, foi-se solicitado aos alunos que lessem o romance São Bernardo e analisassem a posição do discurso feminino na referida obra. Como amostra, aqui foram escolhidas as análises de três alunas da sala. Para a preservação da identidade das alunas, aqui serão chamadas por Mara, Rosa e Ana.

4.1 Análises dos dados

Como já foi salientado anteriormente, os dados apresentados aqui são provenientes de um trabalho em sala de aula. Vale frisar que a professora de língua portuguesa assumia nesse contexto também a condição de pesquisadora.

Observe-se que Mara já chega a reconhecer que Madalena simboliza o reflexo da posição da mulher da época: em virtude do extremo machismo, não tem liberdade de expressão. Mara ainda analisa que essa situação, atualmente se modificou, pois a mulher, aos poucos, foi realizando conquistas:

“Madalena, como todas as mulheres da época, não tinha um espaço respeitado sobre formação de opinião entre

os homens. Hoje a situação tornou-se diferente porque as mulheres, pouco a pouco, foram conquistando seu espaço”.

É observável que diante da formação ideológica em que se apresenta a formação discursiva de Paulo Honório, a aluna percebeu a soberania masculina do contexto mediato, responsável pela quase anulação do discurso feminino. Semelhantemente, Rosa analisa a ideologia do discurso de São Bernardo e reflete:

“Nessa época, as mulheres não viviam como desejavam, pois apenas ouviam e recebiam ordens sem ter o direito de dizer se as queriam ou não.

O machismo da época não permitia que a mulher tivesse voz ativa. Na concepção dos homens da época, as mulheres eram incapazes de refletir sobre algo de proveito. Mas o que eles não lembravam é que as mulheres também são seres racionais e capazes.

Nos dias de hoje, podemos chamar a mulher de heroína, pois, por tanto que lutou contra preconceitos machistas, hoje ocupa um lugar respeitado na sociedade onde pode opinar sobre todos os assuntos”.

Rosa demonstra em seu discurso que a mulher do contexto da obra estava totalmente submissa ao homem e este, por sua vez, não admitia que a mulher fosse, igualmente, tão racional e tão

capaz quanto ele. Note-se que a relação do contexto mediato com o imediato é também realizada: a aluna coloca que, nos dias atuais, a mulher possui uma posição de respeito e se expressa livremente.

Enquanto Mara e Rosa analisam a posição do discurso feminino enfraquecido pelo mecanismo disciplinar machista soberano na época e também relacionam e comentam sobre o contexto atual, Ana somente reflete sobre a formação ideológica do contexto imediato. Ela ainda considera a situação de Madalena como “embaraçosa”, por ser esta uma mulher “intelectual e com ideias próprias bem definidas”. Ana também considera que a sociedade da época era machista e autoritária, da qual Paulo Honório é um ícone:

“Em São Bernardo o que se sobressai é a análise de uma situação embaraçosa de Madalena, intelectual e com ideias próprias bem definidas, em uma sociedade machista e autoritária, formada por homens como Paulo Honório”.

Nas declarações das três alunas fica claro que, através da ideologia machista vigente na época, Paulo Honório não permite a Madalena o direito da palavra, aparecendo como senhor

absoluto de tudo e inclusive do discurso. É nítido também que Madalena representa um ícone das mulheres da época: elas desejavam ter o direito de serem ouvidas, respeitadas e de participarem ativa e democraticamente na sociedade em pé de igualdade com os homens.

5 Capitu: Culpada ou Inocente?

Segundo Mesquita Filho (2004, p. 5,) a análise do discurso “procura ver em seu objeto – o discurso – a relação com a exterioridade que o constitui”. Nesse enfoque, o discurso é visto como “efeito de sentido” entre locutores no contexto histórico-social.

Observando a trama essencialmente problematizadora que contém o romance *Dom Casmurro*, da segunda fase de Machado de Assis, percebe-se em seu estilo a preocupação em deixar o leitor em suspense com relação à presença de um triângulo amoroso marcado entre Bento Santiago (Bentinho), Escobar e Capitu. A obra apresenta traços psíquicos caracterizados pelo autor no que diz respeito às suspeitas sobre o contexto narrativo,

induzindo o leitor a posições diversas quanto à integridade feminina da época.

Capitu constitui um dos enigmas mais significativos diante do complexo neurótico do marido em relação às atitudes da mulher que tem os “olhos”, desde cedo, como o grande sinal misterioso para Bentinho, de modo a sofrer comparações ambíguas, trazidas para o leitor como pistas para uma suposta convicção: morte de Escobar X lágrima de Capitu, o grande “indicador” de traição amorosa. A mente atormentada pelos ciúmes de Bentinho caracteriza-o como investigador de almas, a ponto de encontrar no garoto Ezequiel (o filho) semelhanças inerentes a Escobar.

Nessa obra, oportuniza-se captar como pequenos impulsos inconscientes que levam o narrador a escavações psicológicas das quais é vítima Capitu por meio de um gesto comportamental.

Analisando os textos representativos produzidos pelas alunas do terceiro ano do curso Normal Médio do Colégio Normal Municipal Dr. Antenor Alves Pedrosa, representantes da segunda pessoa do discurso e aqui representadas por Keyla,

Raissa e Wanda, ambas demonstraram oscilação entre os pontos de vista adotados, remetendo a julgamentos diversos, levando o leitor a “outros” discursos.

No posicionamento de Keyla, destaca-se a semelhança de Ezequiel como o grande álibi para o repúdio de Capitu: “Cheguei à conclusão de que houve realmente adultério causado por Capitu devido à sua expressiva emoção declarada com a morte de Escobar e à semelhança de Ezequiel com o mesmo”.

Raissa, em sua análise, inclui em seu discurso um julgamento duvidoso: não se autoafirma diante da trama em relação a sua posição, porém lamenta a falta de oportunidade e espaço de defesa para a mulher:

“Mas será ela assim (adúltera), ou é fruto de uma mente maldosa e doentia, em estado neurótico, que por ciúme doentio, mostra-nos uma visão falseada, tentando induzir-nos a uma desconfiança seguida de condenação por ser ele “dono da palavra”? Com uma postura machista e dominante, o narrador de Dom Casmurro não permite a defesa da qual Capitu tem direito”.

No discurso de Wanda, percebe-se que esta compromete o autor sobre o seu poder de persuasão por tentar convencer o leitor da presença do suposto adultério cometido por Capitu:

“Este romance deixa um enigma ao leitor: Capitu é ou não culpada, aconteceu ou não adultério? Como a história é narrada pelo próprio Bentinho, ele passa ao leitor sua própria versão. Sendo Capitu uma mulher submissa e vivendo diante de uma sociedade onde a mulher não tinha voz nem vez, esta não tinha espaço para se defender”.

Diante do exposto, pode-se compreender que na obra Dom Casmurro encontra-se com muita clareza a supremacia magnífica e arrogante de um homem tomado por uma neurose machista que vai de encontro à valorização da identidade feminizada, vista sem direito de discurso próprio e reconhecida simplesmente como portadora de qualidades domésticas, sendo vista como reprodutora de uma sociedade onde o homem dizia e a mulher não refletia, apenas obedecia.

6 Considerações Finais

As declarações apresentadas pelas alunas convergem para um ponto comum: a quase anulação do discurso feminino nas formações ideológicas apresentadas nos dois romances realiza-se por meio do discurso masculino do sujeito-narrador. Esse sujeito, senhor absoluto do discurso, apresenta uma formação discursiva conformista com a ideologia machista vigente nas respectivas épocas da publicação das referidas obras.

O silenciamento do discurso feminino iconizado por *Capitu* e *Madalena* permitiu todo o gesto de interpretação aqui relatado. É importante observar que esse gesto de interpretação foi realizado com muita precisão pelas alunas, uma vez que teceram seus comentários como sujeitos assujeitados: ora discordando do discurso dominante, ora concordando com ele, ora discutindo esse discurso como possibilidade de outros discursos.

Acredita-se que as declarações aqui analisadas conduzem a uma importante reflexão: a de que é possível, na sala de aula, desenvolver trabalhos de leitura analisando as formações

ideológicas presentes nas formações discursivas e o silenciamento de outros discursos na trama textual.

7 REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Virgínia Borges. *Abram aspas!_O outro quer falar*. In ZOZZOLI, Maria Rita Diniz (org). *Ler e produzir: discurso, texto e formação do sujeito leitor/produtor*. Maceió: EDUFAL, 2002.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Abril Educação, 1978.

BAKHITIN, Mikail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BOTELHO, Amaral Cristina de Barros e Silva. *O texto literário em aulas literárias de português*. Texto apresentado no curso de Pós-Graduação Lato Sensu em programação do Ensino da Língua Portuguesa. Garanhuns: UPE, 2º semestre de 2003.

COUTINHO, Afrânio dos Santos. *A literatura no Brasil: era modernista*. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 1997.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

MAIA, João Domingues. *Português – novo ensino médio*. Vol. Único. São Paulo: Ática, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MESQUITA FILHO, Odilon Pinheiro de. *Análise do discurso e ensino escolar de português*. Texto apresentado no GELNE. João Pessoa – Paraíba, setembro de 2004.

MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínio e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli: *Interpretação*. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 13. ed. São Paulo: Martins, 1970.

RICHARDSON, Roberto Jarry (org). *Pesquisa-ação: princípios e métodos*. S/e. João Pessoa: Editora Universitária/EFPB, 2003.

Diálogos N. 6 – Cícera Maria & Juzi Maria – O discurso feminino em D. Casmurro e em São Bernardo...

SUASSUNA, Livia. *Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática*. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.